

Um desafio para Collor

Carreira

TARCÍSIO HOLANDA

A declaração do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, em favor da articulação de blocos na eleição das novas Mesas da Câmara e do Senado comporta duas interpretações. Tanto pode indicar que o Governo vai apoiar chapas próprias às Mesas das duas Casas, assumindo inegáveis riscos com a intervenção, quanto pode representar, apenas, um jogo por meio do qual o Palácio do Planalto deseja evitar candidaturas que considera inconvenientes a seus interesses, como a de Ulysses Guimarães.

O vice-líder do Governo no Senado, Ney Maranhão, revelou, recentemente, que à candidatura do senador cearense Mauro Benevides à presidência do Senado não causa qualquer tipo de preocupação ao Governo. Pelo contrário, o presidente Collor não faria restrição de qualquer natureza ao nome do parlamentar cearense, cuja candidatura está em processo de consolidação no PMDB, que é o partido majoritário no Senado.

O Governo aceitaria de bom grado o acordo que confere ao partido majoritário o direito de indicar o presidente da Câmara se o PMDB apresentasse como candidato o atual líder da bancada, deputado Ibsen Pinheiro, ou o ex-presidente da Comissão de Justiça, o também gaúcho Nelson Jobim. Quem faz tal revelação é o vice-líder governista no Senado, Ney Maranhão.

“Não podemos aceitar é o Ulysses, que prepara uma cama de gato para o Presidente”, adverte o senador pernambucano com o seu característico linguajar. Se Ney Maranhão reflete o pensamento do Presidente, como se supõe, o senador Mauro Benevides já pode ir encomendando o seu terno para a posse na presidência do Senado. Quanto ao doutor Ulysses, que é um parlamentar de

CORREIO BRAZILIENSE

longa vivência, deve ir colocando as barbas de molho, pois sua candidatura provocaria uma guerra em plenário talvez semelhante àquela em que se empênhou Figueiredo para derrotar o saudoso deputado Djalma Marinho.

Se o deputado Ulysses Guimarães teimar em ser candidato a presidente da Câmara, provavelmente não terá adversário na votação da bancada. Porém, a rejeição a seu nome é tão evidente no partido que poderia ter menos votos do que os votos em branco. E certamente estimularia a formação de um superbloco partidário sob o comando então evidente do governo Collor.

Astutamente, os deputados Ibsen Pinheiro e Nelson Jobim transmitiram esse recado ao experiente político paulista, quando proclamaram a decisão de não competir com Ulysses. Ambos contam em que funcione, agora, o desconfiômetro do grande timoneiro que não funcionou na eleição de presidente da República, apesar do aviso unânime dos governadores de que a sua candidatura não tinha a menor chance de sucesso.

Estamos na preliminar. Como disse o senador Nelson Carneiro, o jogo principal só terá início em dezembro, quando serão conhecidos os governadores eleitos no segundo turno, que também influirão na eleição dos novos dirigentes do Congresso, conforme tradição muito nossa. A declaração do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, pode marcar o início de grande articulação em favor dos blocos, se o quadro não se definir normalmente ao gosto do Governo.

Os senadores Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel sonham em chegar à presidência do Senado via bloco. Mas, o senador Mauro Benevides pode ser a solução natural via partido. Inclusive para Fernando Collor.